

Resumo

Com este artigo busca-se contribuir para o debate sobre jornalismo colaborativo em aplicativos móveis. Para isso, o objeto de estudo é o aplicativo colaborativo Comuniq, disponível para telefones móveis e *tablets*, que foi lançado, gratuitamente, pelo Sistema Jornal do Comercio de Comunicação, no Estado de Pernambuco. Nosso objetivo é analisar o referido *app* como suporte de interação, a fim de compreendermos o fenômeno da colaboração em notícias, através de plataformas móveis. Como método, utilizamos uma abordagem híbrida de pesquisa, que combina a revisão bibliográfica e a observação direta.

Palavras-chave

Jornalismo colaborativo; Jornalismo móvel; Produção jornalística; Aplicativo.

Abstract

This article was written intentioned to contribute to the debate on collaborative journalism in mobile applications. For this, the object of study is the collaborative application ComuniQ, available for mobile phones and tablets; it was released for free by "Sistema Jornal do Comercio de Comunicação" (System Journal of the Communication's Commerce – Free Translation) in the State of Pernambuco. Our goal is to analyze the aforementioned *app* as a collaborative interaction support in order to understand collaborative phenomena in news through mobile platforms. As a study method, we used a hybrid approach to research that combined literature review and direct observation.

Keywords

Collaborative journalism; Mobile journalism; Journalistic production; Application.

RECEBIDO EM 29 DE FEVEREIRO DE 2016
ACEITO EM 05 DE JULHO DE 2016

¹ Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN/Natal-RN/Brasil, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia-PPGEM/UFRN, na linha de pesquisa Estudos de Mídia e Produção de Sentido, e do Programa de Pós-graduação em Design-PPGDSG/UFRN, na linha de pesquisa Interação Humano-Computador e Ergonomia Informacional. Contato: tacionaburgos@hotmail.com

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Especialista em Gestão de Comunicação Empresarial e Assessoria de Comunicação – Universidade Potiguar/UNP. Contato: ssuyane@gmail.com

Introdução

Este artigo é parte da pesquisa em andamento no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia - PPGEM, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, aborda os aspectos introdutórios do estudo que teve início em maio de 2015. Uma das nossas motivações é investigar o horizonte de reflexão sobre o jornalismo colaborativo em aplicativos móveis. A análise recai sobre o aplicativo colaborativo ComuniQ, disponível para telefones móveis e *tablets*, que foi lançado, gratuitamente, pelo Sistema Jornal do Comercio de Comunicação, no Estado de Pernambuco.

Nos últimos anos nos familiarizamos com mudanças importantes no contexto do jornalismo, da interação e da comunicação social como um todo. O barateamento e a consequente intensificação do uso de aparelhos como celulares e *tablets*, como veículos de comunicação pessoal, acesso à informação e produção de conteúdo, por meio da conexão à internet, traz a potencialização de uma série de práticas midiáticas.

Em um cenário onde o público consumidor mostra-se, cada vez mais, conectado e autônomo, estabelecer e fortalecer espaços de interação online pode ser considerada uma forma de sobrevivência e ampliação da audiência para diversos veículos de comunicação. O que vemos são readaptações evolutivas neste ambiente globalizado que com a popularização da internet, através de dispositivos móveis, não só a lógica de relacionamento entre consumidores e produtores de informação se altera, mas as estratégias de mediação empregadas.

O aplicativo pesquisado é uma ferramenta de interação em que o usuário cadastrado pode compartilhar textos, vídeos, fotos e áudios, com expansão no site *NE10*, vinculado ao Sistema Jornal do Comercio. O material enviado também fica disponível para pautar demais veículos de comunicação do grupo. Para a análise do objeto empírico escolhido, utilizamos como recorte metodológico, o levantamento bibliográfico e a observação direta do aplicativo em questão. A sistemática adotada é a coleta de dados como textos, vídeos e imagens diversas do *app* por meio de capturas de tela a partir de um *Iphone 6s* e de um computador modelo notebook. O procedimento é realizado uma hora por dia, todos os dias, e o recorte da pesquisa utilizado para este estudo demarca o período de 01 a 31 de maio de 2016. Na primeira parte do artigo discutiremos o campo

do jornalismo colaborativo. Na segunda parte, a interação mediada e por fim analisaremos o aplicativo ComuniQ, objeto do presente estudo.

Jornalismo colaborativo

Atento ao desenvolvimento da imprensa e a popularização das redes digitais no meio social, percebemos que a fronteira entre autor/leitor não se encontra fixamente demarcada como há alguns anos atrás. O que poderíamos considerar o tradicional fluxo de comunicação no formato: emissor – meio- receptor, modelo este que parecia ser o mais comumente aceito nos modelos de comunicação, há muito tempo vem tomando outras proporções. Autores como André Lemos (2010), Pierre Levy (2010), Clay Shirky (2011), Henry Jenkins (2014), Alex Primo (2015), Marcelo Träsel (2015), por exemplo, expõem estudos sobre a realidade da comunicação atual em que o público, diante dos veículos de comunicação e informação, está cada vez mais, participante e colaborativo. Um exemplo recente destas alterações para o jornalismo é o campo do jornalismo colaborativo, em especial, na internet, o que potencializa a transformação de qualquer cidadão em produtor de notícias.

Estamos vivendo a era caracterizada pelas tecnologias digitais e suas possibilidades de interação, multimídia e alta velocidade da informação. De acordo com esta realidade, cada vez mais, o público demanda oportunidades para que possa participar dos veículos de comunicação e também poder dialogar por meio das redes sociais a qual dedica seu tempo. Mirian Santos (2014) afirma que a internet ampliou sobremaneira “a flexibilidade dos limites de tempo e espaço que restringiam a visibilidade dos sujeitos” (SANTOS, 2014, p.16), estes atualmente como participantes dentro dos veículos de comunicação jornalísticos.

Anteriormente, esta participação sempre existiu, mas a emergência do cidadão conectado e cada vez mais protagonista na produção de notícias é exatamente o que Lemos e Levy (2010) chamam de transição dos modelos “massivos” para os “pós-massivos” de comunicação, onde as atuações de transmissor e receptor são remodeladas.

Há, portanto, uma reconfiguração do sistema infocomunicacional global, onde, pela primeira vez, aparecem dois sistemas em retroalimentação e conflito: os sistemas infocomunicacionais massivo e pós-massivo. Na estrutura massiva do controle da emissão – a indústria cultural clássica – a informação flui de um polo controlado para as massas (os receptores). Com o surgimento e expansão do ciberespaço, este modelo está sendo

Taciana de Lima **BURGOS** • Tereza Suyane Alves de **FRANÇA**

tensionado pela emergência de funções “pós-massivas”. Aqui a liberação da emissão não é apenas liberar a palavra no sentido de uma produção individual, mas colocar em marcha uma produção que se estabelece como potência para a reconfiguração social e política. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 26).

Para os autores, o modelo pós-massivo permite a personalização, amplia o debate, permite mais fluxos de informações em rede e novos processos de produção da informação. Complementando tais ideias, conforme aponta Santos (2014), é exatamente esta atuação em convergência, aliada a potencialização do cidadão conectado e o uso que ele faz da rede, que levaram os meios de comunicação “a adaptações no modo de atrair o público, como é o caso da criação de canais, que podemos chamar, de jornalismo colaborativo online em paralela semelhança às tradicionais “cartas de leitores” (SANTOS, 2014, p.22), ou podemos citar ainda “ouvinte participante”, entre outras denominações semelhantes de acordo com o veículo de informação.

Do mesmo modo, Henry Jenkins (2009, 2014) destaca que as mudanças nas relações entre produtores de mídia e seus públicos estão transformando o conceito de participação significativa e essas são mudanças fundamentais nas lógicas cultural e econômica que dão forma ao cenário de mídia atual. Para ele, vivemos uma cultura convergente “em que escrevemos nossas próprias histórias diante do sistema dos nossos produtos favoritos, que cada meio de comunicação antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes” (JENKINS, 2009, p.41) e por isso, a convergência e a conexão ilimitada, como propõe o autor, são as formas mais plausíveis para compreender a lógica pela qual a mídia opera e pela qual os consumidores processam as notícias e se inserem neste contexto. Jenkins reforça que atualmente, é necessário “escutar” o que público está dizendo e não só quantificar esse potencial.

As empresas devem se deslocar de uma cultura do apenas “ouvir” o que o público está dizendo para uma que priorize o “escutar” o que o público tem a dizer. Em um nível interpessoal, todos nós compreendemos a diferença fundamental entre “ouvir” e “escutar”. Ouvir é o ato físico de receber uma mensagem, enquanto escutar é um processo de espera, de concentração e de dar resposta a uma mensagem, Entretanto, como as empresas falam “escutar”, o termo caiu na mesma armadilha que muitas palavras outrora úteis, dada a natureza impulsionada pelo modismo da retórica do marketing. (JENKINS, 2014, p.222).

É certo que, cada vez mais, o jornalismo estabelece uma relação de maior intimidade com a portabilidade da comunicação. A miniaturização dos computadores e a coleta da informação sendo iniciada a partir do envio de dados de qualquer lugar, que tenha conexão com a internet, favorece a colaboração do público e isso tem remodelado consideravelmente o jornalismo contemporâneo e a atuação do profissional jornalista.

Importante destacar que, entendemos como jornalismo móvel, segundo Fernando Firmino Silva (2015), a modalidade de produção e consumo de informações e notícias através de tecnologias móveis, como por exemplo, por meio de *smartphones*, *tablets*, celulares e outros dispositivos semelhantes. Para o autor,

Empregamos o conceito de jornalismo móvel para delimitar o fenômeno enquanto construção de um jornalismo baseado numa nova dinâmica caracterizada pelo uso das tecnologias móveis e do processo de convergência (...). Deste modo, essa conjuntura afeta as estruturas da redação, as rotinas de produção e a forma de distribuição multiplataforma e multitelas. (SILVA, 2015, p.11).

Neste sentido, como aponta o autor, o jornalista usa a tecnologia móvel digital em rede para o seu trabalho diário, na captação e produção das notícias. No entanto, o atual enfoque neste trabalho é referenciado nos estudos de Henry Jenkins (2014), que sinaliza um movimento, além do enfoque na rotina do jornalista, mas que traz luz ao ambiente comunicacional como um todo, na direção de um modelo mais participativo e colaborativo de cultura de mídia. Trata-se de um enfoque no qual o público não é mais visto como mero consumidor de mensagens, mas também como agente criador de conteúdo, valor e significado dentro do jornalismo.

Além de Jenkins, e outros autores consultados que complementam tal entendimento, Marcelo Träsel (2010) denomina como 'apuração distribuída', um conceito semelhante e complementar ao que compreendemos como jornalismo colaborativo, ou seja, a prática surgida da mescla do potencial colaborativo dos usuários junto ao jornalismo aberto à participação do público.

Trata-se da divulgação de fotografias e informações, por meio da abertura aos leitores que conheçam as circunstâncias captadas no intuito de identificar o evento e os participantes, para que isso chegue à redação jornalística o quanto antes. O autor destaca que esta não é uma prática

recente no jornalismo, mas diante do cenário profissional global, torna-se bastante eficaz, inclusive na redução de custos.

A apuração distribuída mostra-se como uma alternativa viável para garantir a qualidade da reportagem no atual contexto de crise financeira das empresas de mídia e mão de obra insuficiente nas redações, pois permite aos jornalistas delegar ao público tarefas repetitivas que necessitam de trabalho intenso em grande volume, mas semanticamente complexas demais para serem desempenhadas por inteligências artificiais. (TRÄSEL, 2010, p. 230-231).

No entanto, quando pensamos em delegar ao público uma parte do trabalho jornalístico, torna-se necessário pontuar alguns desafios, como destaca Träsel (2010), já que o fato da apuração distribuída em vários centros mostra, entre outras coisas, a dificuldade em motivar os indivíduos a participar efetivamente e, ao mesmo tempo, dar a resposta que público aguarda.

Além disso, o autor também coloca a necessidade de enxergar a perda de uma parcela de poder do jornalista na condução da informação. Träsel (2010) alerta para o fato de que com o jornalismo colaborativo, devido à apuração ser vinda do público, o jornalista é obrigado a firmar seu compromisso com o interesse público e não com os interesses das fontes ou do próprio jornal. Para ele, o jornalista “abre mão também de uma parcela do controle sobre o produto final, a notícia, que deixa de ser uma propriedade apenas do repórter e do jornal e se torna um bem público” (TRÄSEL, 2010, p. 231).

Estas e várias outras tensões norteiam este caminho e é natural a necessidade de refletir cada vez mais sobre a importância e a incorporação do público no processo produtivo da notícia. Segundo Santos (2014), os dispositivos digitais e móveis que agregam diversos recursos como imagem, texto, som e vídeo, além de abrirem uma infinidade de possibilidades de captura, edição e compartilhamento de conteúdos, “passaram a pautar a comunicação entre os diferentes indivíduos envolvidos no processo” (SANTOS, 2014, p.12). Desta forma, projetos alicerçados nesses dispositivos digitais inovam aspectos importantes do jornalismo e insinuem novas modelagens no fluxo de informações. O caso do aplicativo ComuniQ, objeto de estudo deste trabalho, percebemos uma realidade próxima, que impulsiona um cenário conversacional entre mídia e cidadãos.

O Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, deu início a experimentação da participação do público na colaboração em notícias³ com os próprios repórteres munidos de equipamentos digitais móveis, como celulares, câmeras e computadores portáteis, captando notícias cotidianas nos bairros da cidade do Recife e enviando para a redação. O projeto foi ampliado e a partir de 2013 foi lançado o sistema colaborativo para plataformas digitais em *smartphones*, para que pessoas conectadas pudessem enviar informações captadas, em especial, flagrantes e denúncias de interesse público.

Confirmando esta tendência dos veículos de comunicação em aproximar-se do público, Primo (2007) ressalta que as relações mediadas por tecnologias são potencializadas em um princípio chave da web: o fato de que os serviços tornam-se melhores quanto mais pessoas usarem, o que favorece a troca de arquivos digitais e uma maior participação dos sujeitos no processo comunicativo. Para o autor,

(...) hoje na web não apenas os grandes portais têm importância. Mesmo os blogs que reúnem pequenos grupos com interesses segmentados ganham peso na rede a partir da interconexão com outros sub-sistemas. Ou seja, o modelo informacional de um grande centro distribuidor de mensagens passa a competir com a lógica sistêmica da conexão de micro-redes. Em outras palavras, enquanto modelo massivo foca-se no centro, a web 2.0 fortalece as bordas da rede. (PRIMO, 2007, p. 2-3).

Ancorado no referencial trabalho de Jenkins (2009), que também trata da onipresença da mídia no cotidiano social, Primo ressalta que estamos em uma relação complexa entre mídia, sociedade e tecnologia, indissociável. É neste recorte que encontramos o desafio de pensar o jornalismo no contexto móvel e aplicativos, a exemplo do ComuniQ, reforçando a conexão com a sociedade.

O novo posicionamento da audiência, impulsionado pelo Sistema Jornal do Commercio por meio do aplicativo ComuniQ, impactou consideravelmente na forma como a notícia passou a ser pensada e produzida naquele ambiente. O autor norte-americano Shirky (2011) confirma que tal investimento acompanha o conceito básico de mídia na atualidade. Para ele, a mídia, "não é mais apenas algo que consumimos, é algo que usamos." (SHIRKY, 2011, p. 50-51).

³ Dados colhidos em entrevista por telefone realizada com Romeu Leite Coutinho – Gerente Operacional do Aplicativo ComuniQ e Gestor de Mídias Sociais do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, situado na cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco. Em: 22/03/2016.

Taciana de Lima **BURGOS** • Tereza Suyane Alves de **FRANÇA**

Agora temos à nossa disposição as ferramentas e as novas oportunidades que elas viabilizaram. Nossas novas ferramentas não causaram esses comportamentos, mas o permitiram. Uma mídia flexível, barata e inclusiva nos oferece gora oportunidades de fazer todo tipo de coisas que não fazíamos antes. (SHIRKY, 2011, p.61).

Autores como Shirky (2011) reconhece que para garantir que o foco da participação seja o melhoramento conjunto das informações, alguns procedimentos precisam ser mantidos, como algum tipo de estrutura de mediação que concentre os objetivos da informação.

Quanto maiores o valor e o risco inerentes à participação, mais necessário se torna algum tipo de estrutura para manter os participantes concentrados nos seus objetivos compartilhados e sofisticados, em vez de focados em seus objetivos pessoais e básicos. (SHIRKY, 2011, p. 158).

Lindemann (2007) reflete que as transformações vividas no âmbito do jornalismo colaborativo, geram uma dualidade entre jornalistas - que tem seu papel enquanto profissionais modificados, e leitores - que passam a ter mais autonomia e liberdade de expressão. A autora antecipou uma realidade que já temos comprovada atualmente, como observada no Sistema Jornal do Comercio com a implantação do aplicativo estudado. Segundo ela,

(...) as redações serão uma espécie de centros de recepção, triagem rápida, edição imediata e catalogação inteligente. Já as fontes dos noticiários, serão "cidadãos comuns", munidos de telefones celulares, câmeras fotográficas digitais, computadores de mão ou qualquer outro equipamento que permita registrar e transmitir informações. (LINDEMANN, 2007, p.55).

Esta realidade antecipada por Lindemann (2007) já acontece como rotina prevista no lançamento do aplicativo ComuniQ há alguns anos atrás. Diariamente, todo o conteúdo compartilhado no aplicativo ComuniQ segue para um painel instalado nas redações dos veículos que compõem o Sistema Jornal do Comercio - *Portal NE10, Rádio Jornal e TV Jornal*, para ser aproveitado como pauta pelos veículos, ou não. Como adiantou Lindemann (2007) às redações desses veículos já funcionam como centros de recepção e triagem do material enviado pelo público.

Sobre a questão do filtro mediador⁴ das publicações online, existe uma estrutura que aprova ou não as postagens dos colaboradores e é uma realidade já antecipada e amparada no termo de adesão ao Comuniq. Entre as disposições do termo oficial está a de que:

A Editora Jornal do Commercio S/A reserva-se ao direito de promover o cancelamento da informação fornecida, bem como o cadastro do usuário em caso de má conduta ou utilização inadequada do aplicativo, assim entendido qualquer fato que, a critério da editora, infrinja disposições de lei ou qualquer ato normativo aplicável aos meios de comunicação, ou seja, atentatório aos preceitos éticos e morais aceitos pela sociedade. (Cláusula 3.1 do Termo de Adesão ao Comuniq)⁵.

Mas este fenômeno não é novidade. Para Anselmino (2012), espaços colaborativos não são, dessa forma, ambientes em que os princípios libertários da web se concretizam por completo. Segundo a autora, na verdade, a noção de “produtor da notícia” por parte dos colaboradores esbarra inevitavelmente na mediação, seleção e readaptação dos textos e demais conteúdos pelos profissionais da empresa. O motivo seria o fato de que,

neste ambiente não existe uma cultura de participação despida de controle, já que o usuário/leitor precisa, em primeiro lugar, realizar um cadastro com informações pessoais nesses sites para posterior publicação de comentários e envio de material, além de se manter vulnerável diante da exclusão de um comentário inapropriado e retirado do ar por parte dos jornalistas. (ANSELMINO, 2012, P. 87).

Anselmino ainda nos ajuda a pensar sobre o alto fluxo de informações postadas diariamente no aplicativo Comuniq quando enfatiza que devido à grande quantidade de informação circulando nas redes online, cria-se a necessidade de avaliá-la, mais do que descartá-la. Ou seja, para ela, atualmente, não é mais preciso rejeitar informações, dados e notícias devido à falta de espaço, porque se pode publicá-las, mas é necessário ter cuidado para não perder o sentido da utilidade da

⁴ Informações colhidas na entrevista com o Gerente operacional do Comuniq e Gestor de Mídias Sociais do SJC, Romeu Coutinho que destacou o fato da mediação das informações ser feita por funcionários do próprio sistema e seguem orientações determinadas pelo sistema, as quais estão presentes no termo de adesão ao aplicativo. Disponível em: <http://54.232.211.2/TERMO_DE_ADESAO_COMUNIQ.htm>. Acesso em: 06 nov. 2015. Entrevista por telefone em: 22/03/2016.

⁵ Cláusula 3.1 do Termo de Adesão ao Comuniq, disponível no aplicativo via *smartphone* e site. Disponível em: <http://54.232.211.2/TERMO_DE_ADESAO_COMUNIQ.htm>. Acesso em: 06 nov. 2015.

informação. Nesta perspectiva, nota-se então um deslocamento da coleta de informações para a seleção da mesma, a exemplo de como acontece o gerenciamento e aprovação das publicações no ComuniQ, informação pública também disponibilizada pelo Termo de Adesão.

A interação mediada por computador

Relembrando a investigação sobre a interação e a familiarização produtiva do humano com o computador e, conseqüentemente, com o meio digital, Scolari (2004) reforça a ideia da transparência, ou melhor, da sensação de invisibilidade dos sistemas, para a melhor adaptação, aproveitamento e resultado da interação do homem com a máquina e a tecnologia.

Em se tratando do aplicativo ComuniQ, a proposta é que o usuário se sinta apreendido por um mecanismo digital, portátil, de fácil entendimento e que propicie uma interação constante para um maior fluxo de informações. A proposta de estar conectado através do telefone celular, manipular uma ferramenta para captação de informações e poder distribuir determinado material apenas com um *click*, suponhamos que agrega ao aplicativo ComuniQ uma interação sedutora. Segundo Scolari (2004), a melhor concepção da interação entre homem e máquina parte da funcionalidade das ferramentas e do sucesso do trabalho que se deseja alcançar. Segundo o autor,

En la actualidad, una interfaz transparente no es aquella que nos deja ver lo que pasa dentro del ordenador, sino el dispositivo que, através de la manipulación de objetos virtuales, nos permite realizar una tarea sin tener que operar em los niveles inferiores de funcionamiento de la máquina. Por extensión la idea de transparencia se aplico también a los procesos de interacción entre el hombre y las máquinas digitales: una interacción transparente es aquella en la cual el usuario se olvida de la interfaz y se concentra en el trabajo que debe efectuar. Pero, lo repetimos una vez más, que la interacción com las máquinas digitales parezca transparente no quiere decir que efectivamente lo sea. (SCOLARI, 2004, p.64).

Sobre o *app* ComuniQ

Em pesquisa recente, Silva (2015) fez um estudo de caso em que destacou o *Portal NE10/JC Online* e a prática de repórteres com *smartphones* e a participação do público. Segundo ele, em novembro de 2007, o Sistema Jornal do Commercio, do Recife, através da TV Jornal, criou o projeto "Notícia celular", o primeiro do país a utilizar tecnologia de

terceira geração e celular Nokia N95 para gerar vídeos e fotos que seriam usados na programação de um canal de TV e para o antigo portal de notícias, o *JC Online*, que agora é *NE10*.

De acordo com o seu levantamento, dezesseis profissionais – repórteres, fotógrafos e cinegrafistas – utilizaram *smartphones* para registrar situações do dia a dia do Recife, baseadas em conteúdo de caráter jornalístico e de utilidade pública. Os vídeos e fotos foram exibidos na programação jornalística da *TV Jornal* e disponibilizados no portal *JC Online*. Após esta experiência com o uso da tecnologia digital atrelada a mobilidade, inaugurou-se uma reconfiguração na forma de produzir notícias para os veículos de comunicação do Sistema Jornal do Commercio, ampliando o horizonte da colaboração do público.

Ressaltamos que o resultado preliminar da nossa análise parte da coleta de imagens diversas do *app* ComuniQ, por meio de capturas de tela, a partir de um *Iphone 6s* e arquivamentos de notícias online do *Portal NE10*, a partir de um computador modelo notebook. O procedimento foi realizado uma hora por dia, todos os dias de 01 a 31 de maio de 2016.

Na primeira análise, acompanhando as postagens antigas presente no *app*, percebemos que, na maioria das vezes, se referem a problemas cotidianos da cidade como engarrafamentos, obras inacabadas, sinalizações irregulares, alerta sobre animais ou pessoas desaparecidas, ruas não pavimentadas, etc. Certamente, a facilidade do acesso ao aplicativo, à mobilidade proporcionada pelo celular e a visibilidade pessoal que o canal proporciona, traz a tona diversos cidadãos que colaboram ativamente, alimentando todo o sistema.

Para Fernando Firmino (2015), estamos vivendo a emergência de novas formas de produção, distribuição e consumo de notícias em que todo o ecossistema móvel se estrutura movidos pelo processo de convergência e de comunicação online. Acompanhando esta perspectiva, constatamos que o jornalismo móvel dentro do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, a partir de 2013, avançou para sistemas operacionais iOS e Android⁶, e isso possibilitou ao aplicativo ComuniQ a efetiva funcionalidade dentro da proposta da colaboração do público. O principal intuito do investimento foi captar informações enviadas por cidadãos, moradores de várias partes da cidade de Recife, por meio de

⁶ O iOS é o sistema operacional da Apple, responsável por fazer o *iPhone* e o *iPad* funcionarem. O Android, é o sistema operacional criado pelo Google, utilizado por marcas como Motorola e Samsung também para usuários de *smartphones*.

áudio, vídeos, textos e fotos e a partir do material enviado, os jornalistas poderiam ampliar o raio de abrangência dos seus conhecimentos e desenvolver pautas sobre assuntos que fossem destaque entre os usuários.

O material enviado pelo cidadão pode ser publicado nos veículos do grupo como o Jornal do Commercio, TV Jornal, Rádio Jornal, Rádio JC News e *Portal NE10*. Segundo informações disponibilizadas no *Portal NE10* na sessão de tecnologia⁷, o aplicativo ComuniQ já ganhou o Prêmio Oi Tela Viva Móvel nas categorias Ferramenta Móvel (júri popular) e Comunidade/Rede Social (júri técnico). A ferramenta também teve destaque internacional, ficando entre os três melhores do mundo na categoria Melhor Novo Serviço Móvel segundo o International News Media Association (INMA).

No Celular

O aplicativo pode ser baixado no celular pelo *Google Play* ou o *App Store*⁸ e é necessário um cadastro prévio com fornecimento de nome, sobrenome, identificação de gênero, data de nascimento, e-mail, senha, foto e cpf, além da concordância ao termo de adesão. Antes da primeira postagem, o usuário tem acesso a um tutorial com o passo a passo de todas as possibilidades, inclusive destacando que o material pode aparecer em todos os canais do sistema como Jornal do Commercio, *Portal NE10*, TV Jornal, Rádio Jornal e JC News, além da *timeline* pública do próprio aplicativo.

Através de notificações, o usuário recebe tópicos dos assuntos mais comentados no aplicativo e respostas aos seus comentários, como pode também receber missões enviadas pela redação, novos comentários em suas publicações e atualização nas publicações que comentou. Em caso de falha na conexão com a internet, as publicações podem ser realizadas em momentos posteriores e para isso existe a opção 'Salvar em Rascunho' para garantir a segurança da captação do material.

No momento da postagem

Para o usuário do aplicativo, existe a opção de ocultar a identificação e de não permitir comentários naquilo que postou. A postagem de uma foto, por exemplo, com base nos testes feitos neste

⁷ A matéria intitulada "ComuniQ, do SJCC, recebe dois prêmios do Oi Tela Viva Móvel" está disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/tecnologia/noticia/2014/05/25/comuniq-do-sjcc-recebe-dois-premios-do-oi-tela-viva-movel-129122.php>>. Acesso em: 20 out. 2015.

⁸ Lojas online para compra de aplicativos em *smartphones*.

estudo, demora em média 4 ou 5 minutos para estar visualmente disponível na *timeline* pública do aplicativo, mesmo esta sendo disponibilizada, instantaneamente na aba correspondente a Meus Envios. Ainda nesta sessão, o usuário pode conferir todo o seu arquivo de publicações já realizadas, no entanto, não é possível nenhuma opção como alterar, apagar ou retificar as informações disponibilizadas. Cada publicação pode ser feita pelos ícones de foto, vídeo, áudio e texto disponíveis no aplicativo. O sistema também oferece dados das publicações que já foram feitas como, nome do usuário, quanto tempo já decorreu a postagem, endereço de localização da ocorrência, descrição ou comentário do fato. Em cada tópico o usuário tem a opção de ver a miniatura das fotos e vídeos assim como sua versão ampliada, pode também comentar, compartilhar, denunciar a publicação ou segui-la para ter acesso a notificações sobre comentários posteriores.

As notificações do aplicativo podem ser visualizadas e abertas direto da tela bloqueada do celular. A interatividade com outras redes sociais acontece ao selecionar a postagem para abrir em tela ampliada, através da opção de compartilhar em redes sociais como *Facebook*, *Whatsapp*, *Twitter* e enviar por e-mail.



Figuras 1 e 2: *Timeline* do aplicativo ComuniQ no *smartphone* (colaboração em vídeo, foto, texto)

Fonte: Aplicativo ComuniQ (2016)

A colaboração na construção da notícia

No *Portal NE10* o ComuniQ tem um espaço reservado em que disponibiliza uma página semelhante a existente no aplicativo via celular. O internauta pode visualizar no próprio site (<http://ne10.uol.com.br/>) uma relação miniaturizada das fotos, dados, informações e comentários. No caso de selecionar uma das publicações colaborativas no site, acontece o direcionamento para uma página específica do ComuniQ (<http://comuniqapp.ne10.uol.com.br/>) que está disponível com todas as informações necessárias, inclusive o link para baixar o aplicativo pelo celular.

No *Portal NE10* e na página relacionada ao ComuniQ, acessada por meio do portal, são replicadas todas as informações publicadas no aplicativo. Existe a opção de ampliar cada postagem, acompanhar os últimos posts, compartilhar as informações em redes sociais como *Twitter* e *Facebook*, no entanto, cada publicação, que foi postada de forma colaborativa, não tem a possibilidade de comentários por parte dos internautas que navegam no site.

Em alguns casos, informações colaborativas que foram postadas pelos usuários, em especial conteúdo fotográfico, são aproveitadas na composição de matérias jornalísticas veiculadas no *Portal NE10*. No exemplo seguinte, um dia de mobilização no centro da cidade de Recife, cidadãos comuns, usuários do ComuniQ captaram imagens da mobilização, disponibilizaram no aplicativo e foram citados como fontes no desdobramento do assunto pela equipe de jornalismo do portal. Em outras palavras, como proposto por Jenkins (2014), os esforços de escuta do público são importantes para o resultado final da informação, não apenas porque fornecem um alicerce para construir relacionamentos positivos entre empresa e público, mas também porque ajudam a evitar os tipos de crise que estão tornando-se cada vez mais prováveis em especial na indústria jornalística, quando as empresas ignoram o que as pessoas estão dizendo.

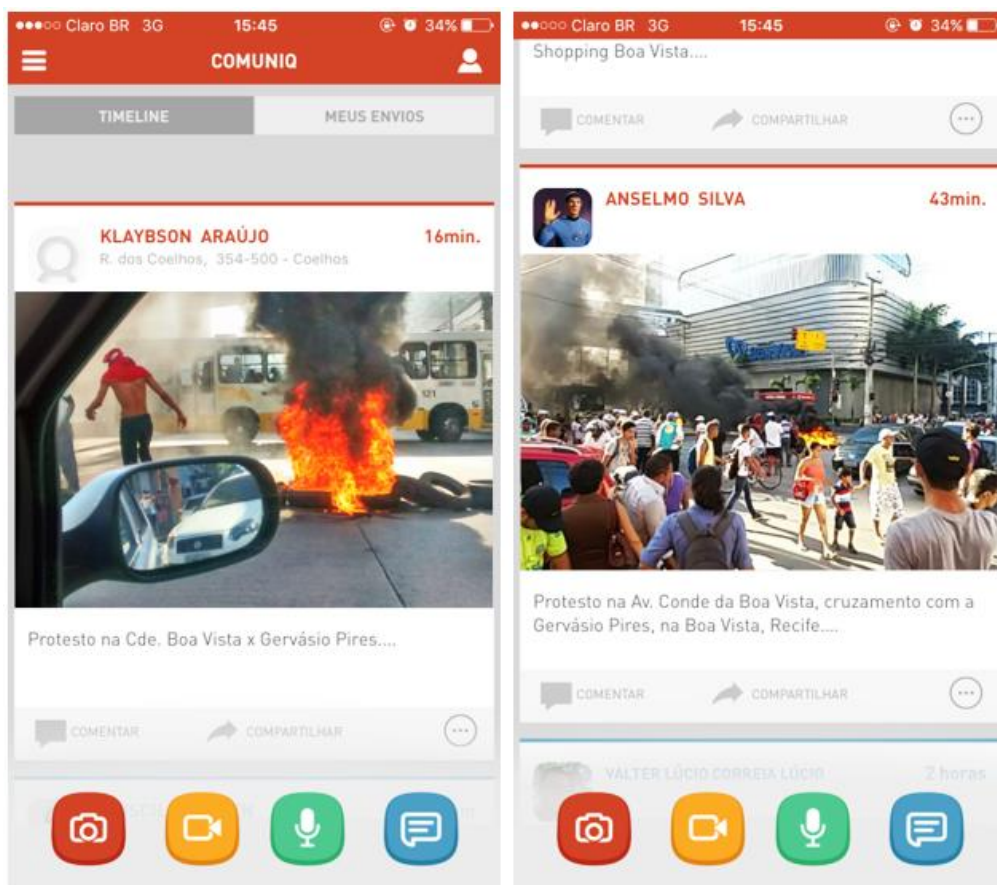


Figura 3: No aplicativo ComuniQ – fotos postadas pelos usuários de uma manifestação nas ruas do centro da cidade de Recife/PE
Fonte: Aplicativo ComuniQ (2016)

Como já mencionamos, para Marcelo Träsel (2010) os conceitos de produção e colaboração são a base atual do jornalismo digital e para ele, a apuração de informações colaborativas mostra-se também como uma alternativa viável para garantir a qualidade da reportagem no atual contexto de crise financeira das empresas de mídia e profissionais insuficientes nas redações. Conforme podemos ver, a publicação colaborativa no *app* ComuniQ demonstra que o usuário estava no momento em que o repórter não pode captar as imagens e, como segue figura abaixo, podemos perceber que o impacto da fotografia ilustra as informações adicionais e contextualizadas do portal, o nome do usuário e do aplicativo são citados como fontes e a colaboração consegue ir de encontro ao interesse público.



Figura 4: Matéria publicada na página do Portal NE10 com aproveitamento das informações colaborativas do aplicativo ComuniQ
 Fonte: Portal NE10 (2016)



Figura 5: Continuação da matéria publicada na página do Portal NE10 com aproveitamento das informações colaborativas do aplicativo ComuniQ
 Fonte: Portal NE10 (2016)

Por fim, como vimos nos exemplos trabalhados, desde a informação colaborativa disponibilizada no aplicativo ComuniQ, até o seu desdobramento no Portal NE10, percebemos que escutar o público exige não somente disponibilizar canais de comunicação, plataformas móveis que facilitam o fluxo na rede, mas principalmente uma resposta ativa de quem propõe a interação, ou seja, não apenas coletar ou exibir dados, mas fazer algo com eles.

No âmago da colaboração do público diante da informação está a ideia de que o público é mais do que dados. Conforme defende Jenkins (2014) em um mundo em que algo, se não propagado, está morto, a participação dos usuários do ComuniQ, se não puder ser aproveitada, citada ou impulsionar uma pauta jornalística, está morta. Ao fornecer as funções tecnológicas que tornam o fluxo e o conteúdo de fácil manuseio e compartilhável, a empresa de comunicação necessita, mesmo diante do tradicional filtro, tentar concluir o ciclo da informação no atual contexto da cibercultura, aquela que parte do público e volta para ele.

Considerações finais

A emergência da informação colaborativa via mídias digitais, que procuramos discutir, a partir da perspectiva do aplicativo ComuniQ e *Portal NE10*, nos confirma o seu relevante protagonismo no atual ambiente da comunicação multimídia, onde é cada vez mais potencializada a visibilidade das contribuições e das falas do público.

O estudo bibliográfico e a observação direta do objeto de pesquisa traz a tona o protagonismo da participação do público e as plataformas móveis, em especial, via celular, no fornecimento de informações e consequente contribuição para a produção de notícias, que tiveram que ser reconfiguradas diante da atual cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais, principalmente voltadas para a área da comunicação.

As problematizações que cercam as diversas questões deste assunto não são esclarecidas em sua totalidade neste trabalho, que se trata de um estudo preliminar de caráter introdutório ao tema. No entanto, a análise do aplicativo ComuniQ nos confirma que canais de compartilhamento de informações colaborativas podem motivar o público a participar da produção da notícia, em especial, sob o argumento de tornar-se parte do processo, ser também uma testemunha dos fatos, além de reforçar a noção de que o veículo não apenas informa, mas conversa com o público e pretende estar mais próximo a ele.

Em um tempo onde os olhos do mundo inteiro se voltam para as informações em tempo real é imprescindível para os canais colaborativos à manutenção da legitimidade das fontes e a possibilidade ativa de confrontar as versões publicadas com as situações e fatos que podem dar origem as notícias. Muitas novas configurações marcam o campo da comunicação e do jornalismo atualmente, no entanto, é importante salientar que o básico da informação com credibilidade nunca pode se alterar.

Referências

- ANSELMINO, Natalia Raimondo. **La Prensa Online y Su Público: Un estudio de los espacios de intervención e participación del lector en Clarín y La Nación**. Buenos Aires: Teseo, 2012.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; JOSHUA, Green. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.
- LE MOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.
- LINDEMANN, Cristiane. A dualidade no webjornalismo participativo. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.4, n.2, p.47-58, jul./dez. 2007. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2208/2063>>. Acesso em: 02 out. 2015.
- PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós (Brasília)**, v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em:
<<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2015.
- PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo (UFF)**, v.14, p. 37-56, 2006. Disponível em:
<<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/512>>. Acesso em: 24 out. 2015.
- SANTOS, Miriam Aparecida. **Matizes da Interação no Jornalismo Colaborativo: Uma Análise da Folha de S. Paulo Online**. 2014. 96 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. Disponível em:
<<http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2014/Miriam%20Santos.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.
- SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo Móvel**. Salvador: Edufba, 2015.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SCOLARI, Carlos. **Hacer Clic**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.
- TRÄSEL, Marcelo. A Apuração distribuída como técnica de webjornalismo participativo. In: SCHWINGEL, Carla; ZANOTTI, Carlos A. (Org.). **Produção e Colaboração no Jornalismo Digital**. Florianópolis: Insular, 2010.